

ORAÇÕES RELATIVAS COMO MODIFICADORES REALIZANTES E DESREALIZANTES

RELATIVE CLAUSES AS REALIZER AND DEREALIZER MODIFIERS

Gabriel de Ávila Othero¹

Resumo

Ducrot (1998) propõe o estudo dos modificadores realizantes e desrealizantes. Esses modificadores atuam sobre a força argumentativa dos predicados, podendo aumentar ou diminuir sua força argumentativa. No entanto, Ducrot se preocupa somente com o estudo de itens lexicais (nomeadamente os adjetivos e os advérbios) funcionando como modificadores. Nossa proposta é ampliar a aplicação desse estudo sobre os modificadores realizantes e desrealizantes, estudando também o uso de orações relativas que podem funcionar como modificadores.

Palavras-chave: modificadores realizantes; modificadores desrealizantes; teoria da argumentação na língua.

Abstract

Ducrot (1998) proposes the study of realizer and derealizer modifiers. These modifiers act on the argumentative force of the predicates by increasing or decreasing their argumentative force. However, Ducrot focuses his studies only on lexical items (namely the adjectives and the adverbs) functioning as modifiers. Our proposal here is to broaden the application of Ducrot's proposal, suggesting that relative clauses that can function as modifiers as well.

KEY-WORDS: realizer modifiers; derealizer modifiers; theory of language argumentation.

Introdução

Ducrot (1998) propõe o estudo de algumas palavras que servem como *modificadores* de *predicados*². Esses modificadores atuam sobre a força argumentativa dos predicados, podendo aumentar ou diminuir sua força argumentativa. Para ele, os predicados são *nomes* e *verbos*, e os modificadores são as palavras que determinam os predicados, nomeadamente os *adjetivos* e os *advérbios*.

¹ PUC-RS. gabnh@terra.com.br

² Na verdade, as idéias propostas em Ducrot (1998) já vinham sendo tratadas desde 1988. Cf. Ducrot (1988, 1989) e Raccah (1990).

Assim, por exemplo, os adjetivos abaixo destacados funcionam como modificadores do predicado *parente*, em (1) e (2):

(1) parente *próximo*

(2) parente *distante*

Os modificadores atuam ora para intensificar a força argumentativa do predicado (como em (1), em que temos um modificador *realizante*), ora para diminuir ou atenuar a força argumentativa do predicado (como em (2), em que temos um modificador *desrealizante*)³.

Nossa proposta com este trabalho é ampliar a aplicação desse estudo sobre os modificadores realizantes e desrealizantes. Iremos estudar o uso de orações relativas que podem funcionar como modificadores realizantes e desrealizantes. Como mencionamos, para Ducrot, apenas itens lexicais funcionam como modificadores. Tentaremos sugerir, nas páginas que seguem, que também as orações relativas podem funcionar como modificadores de predicados.

1. Modificadores Realizantes e Desrealizantes

Na proposta de Ducrot (1998), como vimos, apenas itens lexicais são considerados modificadores. Mais especificamente, os modificadores são apenas adjetivos ou advérbios:

(...) Vou estudar algumas palavras (adjetivos ou advérbios) que podem ser aplicadas a substantivos ou verbos (por comodidade, neste artigo, agruparei substantivos e verbos sob o termo *predicados* e

³ Veremos mais sobre os modificadores *realizantes* e *desrealizantes* a partir da próxima seção.

denominarei *modificadores* às palavras que os determinam). Os modificadores que me interessam aqui explicitam características cuja presença diminui ou aumenta a aplicabilidade de um predicado, quer dizer, em minha opinião, a força com que se aplicam (...) (DUCROT, 1998, p. 48) (grifos do autor)⁴.

Esses modificadores são classificados como *modificadores realizantes* e *modificadores desrealizantes*, conforme o efeito que causam na força argumentativa dos predicados que modificam. É interessante notar que os modificadores não trazem novo sentido às palavras, eles apenas modificam a força argumentativa delas. Enquanto os modificadores realizantes intensificam – ou aumentam – a força argumentativa de seus predicados, os modificadores desrealizantes são aqueles que diminuem a força argumentativa⁵, como observamos nos exemplos (1) e (2) acima.

Formalmente, Ducrot define os modificadores da seguinte maneira⁶: uma palavra Y é denominada *modificador desrealizante* em relação a um predicado X se e somente se o sintagma XY (i) não é sentido como contraditório; e (ii) tem uma orientação argumentativa inversa ou uma força argumentativa inferior à força de X.

Se, por outro lado, XY tiver uma força argumentativa maior do que a de X e tiver a mesma orientação argumentativa que X, Y será um *modificador realizante*.

Vejamos mais alguns exemplos:

⁴ Trecho original: "(...) Voy a estudiar algunas palabras (adjetivos o adverbios), que se pueden aplicar a sustantivos o verbos (por comodidad, en este artículo agruparé sustantivos y verbos bajo el término *predicados*, y denominaré *modificadores* a las palabras que los determinan). Los modificadores que me interesan aquí explicitan caracteres cuya presencia disminuye o aumenta la aplicabilidad de un predicado, es decir, en mi opinión, la fuerza con la que se aplican (...)"

⁵ Neste artigo, não faremos a distinção, pouco clara para nós, entre *modificadores desrealizantes atenuadores* e *modificadores desrealizantes inversores*. Cf. Ducrot (1998: 59) e Olioni (2006).

⁶ Cf. Ducrot (1998: 50).

(3) Um problema *fácil*.

(4) Um problema *difícil*.

Um problema *fácil* parece ser menos problema do que um problema *difícil*. O adjetivo *fácil* atenua a força argumentativa da palavra problema; funciona, portanto como um modificador desrealizante. Já *difícil* trabalha para intensificar a força de *problema* (não é apenas um problema, mas um problema difícil). É classificado, então, como um modificador realizante.

Ducrot (1998, p. 50) propõe o seguinte teste para distinguirmos e identificarmos os modificadores:

Modificadores realizantes: **X até mesmo Y**

Modificadores desrealizantes: **X mas Y**

Aplicando o teste aos exemplos (1) a (4), podemos observar o seguinte:

Em (1): é um parente e até mesmo (um parente) próximo.

Em (4): é um problema e até mesmo (um problema) difícil.

Em (2): é um parente, mas é (um parente) distante.

Em (3): é um problema, mas é (um problema) fácil.

Nossa proposta é, como dissemos, verificar o uso de orações relativas que possam funcionar como modificadores, realizantes e desrealizantes. Para isso, tomaremos emprestados alguns dos exemplos utilizados por Ducrot em seu texto de 1998 e transformaremos os adjetivos que servem como modificadores dos predicados, em orações relativas que, se nossa hipótese estiver correta, também funcionarão como modificadores. Depois, aplicaremos o teste proposto por Ducrot às orações relativas e verificaremos se nossa hipótese inicial se aplica.

2. Orações Relativas como Modificadores Realizantes e Desrealizantes

Começaremos nossa aplicação com os exemplos (1) a (4)⁷, para obtermos (5), (6), (7) e (8):

(5) Um parente *que seja próximo*.

(6) Um parente *que seja distante*.

(7) Um problema *que seja fácil*.

(8) Um problema *que seja difícil*.

Aparentemente, parece que as orações relativas também funcionam como modificadores. Vejamos o teste proposto por Ducrot:

Em (5): é um parente e até mesmo (um parente que) é próximo.

Em (6): é um parente, mas (um parente que) é distante.

Em (7): é um problema e até mesmo (um problema que) é difícil.

Em (8): é um problema, mas (um problema que) é fácil.

Acreditamos que as orações relativas destacadas em (5) e (7) funcionam como modificadores realizantes, aumentando a força argumentativa de seus predicados (assim como o fizeram os adjetivos *próximo* e *difícil*, em (1) e (4)). Da mesma maneira, acreditamos que, em (6) e (8), as orações relativas destacadas estejam funcionando como modificadores desrealizantes, atenuando a força argumentativa de seus predicados, como tentamos mostrar através da aplicação do teste proposto por Ducrot.

Vejamos outros exemplos apresentados por Ducrot (1998)⁸:

⁷ Esses exemplos não são nossos; eles são de Ducrot (1998).

- (9) Um avanço *lento*.
- (10) Um avanço *rápido*.
- (11) Isso tem um custo *elevado*.
- (12) Isso tem um custo *baixo*.⁹

Nosso primeiro passo será transformar esses exemplos em exemplos com orações relativas (perdoem-nos pelo eco). Obtemos, então os pares (13) e (14) e (15) e (16):

- (13) Um avanço *que é lento*.
- (14) Um avanço *que é rápido*.
- (15) Um custo *que é elevado*.
- (16) Um custo *que é baixo*.

Assim como nos exemplos (9) a (12), parece que aqui também encontramos modificadores. As orações relativas em (13) e (16) estão funcionando como modificadores desrealizantes, atenuando a força argumentativa de *avanço* e *custo*, respectivamente. Já nos exemplos (14) e (15), as orações relativas funcionam como modificadores realizantes, intensificando a força argumentativa de seus predicados. Apliquemos o teste proposto por Ducrot para verificarmos se nossa intuição está correta:

- Em (13): é um avanço, mas (um avanço que) é lento.
- Em (14): é um avanço e até mesmo (um avanço que) é rápido.
- Em (15): é um custo e até mesmo (um custo que) é elevado.

⁸ Os exemplos (9) a (12), de que trataremos agora, foram adaptados de exemplos com advérbios de Ducrot. Fizemos isso porque não há uma correlação entre orações relativas e modificadores adverbiais.

⁹ Para Ducrot, e também de acordo com nosso entendimento, (9) e (12) apresentam modificadores desrealizantes; e (10) e (11) apresentam modificadores realizantes.

Em (16): é um custo, mas (um custo que) é baixo.

Parece que, além de os modificadores poderem ser expressos no nível lexical, através de adjetivos e advérbios, como propôs Ducrot, eles também podem ser expressos por orações relativas que, como vimos, podem funcionar tanto como modificadores realizantes como desrealizantes.

Considerações Finais

Neste pequeno artigo, tentamos sugerir nossa hipótese de que as orações relativas também podem funcionar como modificadores de predicados, de acordo com as idéias de Ducrot. Vimos que os exemplos que Ducrot utiliza com adjetivos modificadores podem ser transformados em exemplos com orações relativas modificadoras, sem maiores problemas. O quadro 1 sistematiza exemplos que apresentamos ao longo do texto:

Adjetivos funcionando como modificadores nos exemplos de Ducrot (1998)	Orações relativas correspondentes funcionando como modificadores
Um parente <i>próximo</i>	Um parente <i>que seja próximo</i>
Um parente <i>distante</i>	Um parente <i>que seja distante</i>
Um problema <i>fácil</i>	Um problema <i>que seja fácil</i>
Um problema <i>difícil</i>	Um problema <i>que seja difícil</i>

Quadro 1: adjetivos e orações relativas correspondentes, funcionando como modificadores

Os exemplos que apresentam advérbios como modificadores tiveram de ser adaptados para que conseguíssemos utilizar orações relativas correspondentes (cf. exemplos (9) a (16) acima).

Esperamos que novas pesquisas possam surgir sobre os modificadores realizantes e desrealizantes e que esses trabalhos possam explorar o nível

lexical e abranger também estudos envolvendo as orações relativas, que, como tentamos mostrar neste artigo, também podem ser estudadas no que diz respeito a seu uso como modificadores de predicados dentro da teoria da argumentação na língua, proposta por Ducrot.

Tomamos como dada a importância do estudo desses modificadores. Quer dizer, em nenhum momento do texto nos preocupamos em justificar seu estudo ou em mostrar aplicações em análises de discurso. Acreditamos que novas análises possam ser feitas a partir de algumas das idéias contidas aqui neste texto. Sobre a importância do estudo dos modificadores, deixamos aqui uma passagem que julgamos pertinente:

Desse modo, os desenvolvimentos precedentes têm em comum mostrar até que ponto as noções de verdade e de falsidade não são aptas para descrever os predicados. É evidente se se pensa em uma lógica com dois valores, que reconhece apenas alternativas como *ou é verdadeiro ou é falso que João é um parente, ou é verdadeiro ou é falso que tal evento aconteceu*. Mas uma lógica vaga não expressa melhor o que entendo por realização e desrealização. Pois não se trata para mim de dizer (o que pareceria absurdo) que a afirmação *Pedro é um parente* é mais verdadeira se ele é próximo do que se ele é distante, ou que um evento é mais verdadeiro se aconteceu cedo do que se ele aconteceu tarde. Trata-se de dizer que há diferentes graus entre os quais podemos eleger quando decidimos aplicar um predicado a um objeto ou a uma situação. Uma forma de compreender essa gradualidade (sem dúvidas há outras, que não vejo) é identificá-la com as diferentes forças segundo as quais se pode colocar em prática os princípios argumentativos (*topoi*, regras) que constituem a significação mesma desse predicado¹⁰. (DUCROT, 1998, p. 71) [grifos do autor].

¹⁰ Trecho original: “De este modo, los desarrollos precedentes tienen en común mostrar hasta qué punto las nociones de verdad y de falsedad son inadaptadas para describir los predicados. Es evidente si se piensa en una lógica con dos valores, que reconoce solo alternativas como *o es verdad o es falso que Juan es un pariente, o es verdad o falso que tal acontecimiento sucedió*. Pero una lógica vaga no expresa mejor lo que entiendo por realización y desrealización. Pues no se trata para mí de decir (lo

O mesmo, como procuramos sugerir neste artigo, pode ser aplicado à noção de modificadores expressos através de orações relativas.

Referências Bibliográficas

DUCROT, Oswald. Topoi et formes topiques. *Bulletin d'études de linguistique française* 22, 1988.

DUCROT, Oswald. Topoi et sens. *Actes du 9e. Colloque d'Albi*, Université de Toulouse le Mirail, 1989.

DUCROT, Oswald. Los modificadores desrealizantes. *Signo y Señal*, n. 9. Buenos Aires, jun. 1998.

OLIONI, Raymundo da Costa. Os modificadores na argumentação do locutor. *Cadernos de Pesquisas em Lingüística*. Vol. 2, n. 1, novembro de 2006.

RACCAH, Pierre-Yves. Signification, sens et connaissance, une approche topique. *Cahiers de Linguistique Française* 11, 1990.

que parecería absurdo) que la afirmación *Pedro es un pariente* es más verdadera si es cercano que si es lejano, o que un acontecimiento es más verdadero si se produjo temprano que si se produjo tarde. Se trata de decir que hay diferentes grados entre los cuales podemos elegir cuando decidimos aplicar un predicado a un objeto o a una situación. Una forma de comprender esta gradualidad (sin duda hay otras, que no veo) es identificarla con las diferentes fuerzas según las cuáles se pueden poner en práctica los principios argumentativos (*topoi*, reglas) que constituyen la significación misma de ese predicado.”